

**Rafael de
Figueiredo Lopes**
Universidade Federal do
Amazonas (UFAM)
[https://orcid.org/0000-
0003-3087-0966](https://orcid.org/0000-0003-3087-0966)

**Allan Soljenitsin
Barreto Rodrigues**
Universidade Federal do
Amazonas (UFAM)
[https://orcid.org/0000-
0002-7296-8665](https://orcid.org/0000-0002-7296-8665)

A Folkcomunicação como processo de tradução no contexto das Epistemologias do Sul

Folkcommunication as process of translation in the context of Epistemologies of the South

La Folkcomunicación como proceso de traducción en el contexto de las Epistemologías del Sur

RESUMO

No artigo reflete-se sobre a teoria da Folkcomunicação como um processo de tradução de conhecimentos e experiências, no âmbito das Epistemologias do Sul, conjugando pressupostos de Luís Beltrão (comunicação) e Boaventura de Sousa Santos (sociologia). Trata-se de um texto de reflexão teórica, com o objetivo de discutir a perspectiva de um pensamento insurgente aos paradigmas hegemônicos da ciência. Desse modo, trata-se de um exercício interdisciplinar de aproximações conceituais, com base em autores da Folkcomunicação e das Ciências Sociais e Humanas, sugerindo uma alternativa para a descolonização do pensamento comunicacional.

Palavras-chave: Folkcomunicação; processo de tradução, Epistemologias do Sul.

ABSTRACT

This paper reflects on the Folkcommunication theory as a process of translation of knowledge and experiences, based on the idea of Epistemologies of the South, relating conceptual notions of the research by Luís Beltrão (communication) and Boaventura de Sousa Santos (sociology). This theoretical reflection discusses the possibility of an alternative thought to hegemonic scientific paradigms. Therefore, it is an interdisciplinary exercise of conceptual approaches, based on authors from Folkcommunication, Social and Human Sciences, suggesting alternatives for the decolonization of communicational thinking.

Keywords: Folkcommunication; translation process, Epistemologies of the South.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la teoría de la Folkcomunicación como un proceso de traducción de conocimientos y experiencias, basado en la idea de Epistemologías del Sur, relacionando nociones conceptuales de la investigación de Luís Beltrão (comunicación) y Boaventura de Sousa Santos (sociología). Tiene el propósito de la reflexión teórica, con el objetivo de discutir la posibilidad de un pensamiento alternativo a los paradigmas hegemónicos de la ciencia. Por lo tanto, es un ejercicio interdisciplinario de enfoques conceptuales, basado en autores de la teoría de la comunicación popular y las ciencias sociales y humanas, que sugiere alternativas para la descolonización del pensamiento comunicacional.

Palabras clave: Folkcomunicación; proceso de traducción, Epistemologías del Sur.

Submissão: 9-6-2020

Decisão editorial: 20-10-2021

Introdução

Neste artigo, defendemos que a Folkcomunicação é uma teoria que se alinha à ideia de “Epistemologias do Sul”, termo cunhado a partir de pressupostos sociológicos de Boaventura de Sousa Santos. O objetivo do texto é desenvolver um exercício de reflexão teórica, de caráter interdisciplinar, especialmente ao inter-relacionarmos processos socioculturais e comunicacionais. Sendo assim, nos embasamos em aportes da comunicação e das ciências humanas e sociais. Portanto, tratamos de aproximações conceituais e discutimos a possibilidade de um pensamento alternativo ao paradigma da ciência moderna que ainda domina os círculos acadêmicos, mas há décadas enfrenta uma crise epistemológica em função das contingências da sociedade contemporânea.

A Folkcomunicação é uma teoria da comunicação brasileira, proposta por Luís Beltrão, no final da década de 1960, que trata de processos comunicacionais da cultura popular e suas relações com a cultura midiática (massiva) e erudita (BELTRÃO, 1980; 2004). Sabemos que a conceituação do termo cultura está imersa em discussões complexas e quase sempre controversas, pois evoca interesses multidisciplinares e, dependendo da área de saber humano pela qual delinea-se (antropologia, sociologia, comunicação,

artes, administração, economia, dentre outras), apresenta enfoques distintos, tanto em relação aos sentidos da sua noção conceitual quanto em relação aos usos que fazem dela.

Em função da complexidade que envolve a conceituação de cultura e dos objetivos deste artigo, não adentraremos em uma discussão mais aprofundada sobre a questão. Mas, conforme Cucho (2002), refletir sobre a noção de cultura é uma ação inerente à reflexão das ciências sociais. Conforme o autor, para entender cultura é necessário pensar a unidade da humanidade para além dos termos biológicos e, assim, buscar respostas sobre diferenças entre povos e seus costumes, hábitos, práticas, crenças, valores e relações sociais, compreendendo que, embora haja culturas dominantes e dominadas, nenhuma é superior à outra. Portanto, a cultura está relacionada à capacidade dos sujeitos se adaptarem aos espaços/ambientes e transformar a natureza, criando códigos, símbolos e sentidos para os mesmos.

Na perspectiva folkcomunicação (BELTRÃO, 1980; 2004; BENJAMIN, 2000; MARQUES DE MELO, 2001; AMPHILO, 2010), a noção de cultura desdobra-se em popular, erudita e massiva (ou midiática). A cultura popular é associada aos costumes e tradições do povo e ocorre de forma espontânea pelo grupo social que a produz. Normalmente, é transmitida de maneira oral ou de alguma outra forma simples e acessível. De modo geral, no pensamento vigente, é relacionada às camadas menos favorecidas economicamente da sociedade. A cultura erudita é associada a um pensamento mais crítico, elaborado e elitizado da sociedade. É relacionada às classes economicamente mais elevadas, aos estudiosos acadêmicos e

intelectuais. Já a cultura de massa é elaborada e reproduzida pela indústria cultural, propagada pelos meios de comunicação massivos (mídia), dirigindo-se a população em geral (a massa), normalmente com o objetivo de impor padrões de consumo¹.

Contudo, é importante ressaltar que essas demarcações também são questionadas até mesmo entre os estudiosos contemporâneos da Folkcomunicação pois, desde a sua concepção original, a teoria adaptou-se às transformações sociais, formas de expressões culturais e aos processos envolvidos. Desse modo, a teoria continuou avançando em suas proposições conceituais, diversificando abordagens e agregando novas possibilidades ao seu arcabouço teórico e metodológico (BENJAMIN, 2000; 2004; MARQUES DE MELO, 1998; 2001; AMPHILO, 2010).

No contexto de uma sociedade contemporânea, cibercultural (LÉVY, 1999) e em redes (CASTELLS, 1999), cada vez mais mediada por aparatos das tecnologias da informação e, conseqüentemente, configurando-se por sociabilidades midiaticizadas (BRAGA, 2007), evidencia-se a emergência da hibridização de tipologias, formatações e conteúdos informacionais e expressivos, bem como os processos comunicacionais neles imbricados. Entretanto, muitos desses processos comunicacionais estão à margem do sistema dominante e, geralmente, também são invisibilizados pelas

¹ A cultura de massa reelabora elementos tanto da cultura popular quanto da cultura erudita, a partir de manifestações, conteúdos e temas presentes no imaginário, no cotidiano, no senso comum, em memórias e heranças culturais de determinadas regiões. É importante ressaltar que, dependendo do contexto e da época, essas noções podem se transformar. Determinadas manifestações da cultura popular podem transformar-se em cultura de massa ou o que era erudito pode tornar-se popular, por exemplo.

perspectivas acadêmicas tradicionais dos estudos em comunicação.

Mas, ao nos atentarmos para as rupturas insurgentes manifestadas na comunicação, em decorrência de processos socioculturais sincrônicos, ampliam-se as possibilidades de compreensão de processos simbólicos de construções de narrativas comunicacionais que expressam outros sentidos de ser, estar e representar o mundo. Desse modo, é plausível combinar partituras conceituais já consolidadas e experimentar outras, bem como propor novas abordagens metodológicas sem prejudicar o rigor científico na condução das investigações acadêmicas.

Nesse sentido, a perspectiva folkcomunicacional nos ajuda a pensar sobre os processos e produtos comunicacionais dissidentes aos meios e veículos tradicionais. Suas pistas são acionadas por intermédio de práticas alternativas e expressam aspectos simbólicos da cultura, carregando ideias como sistemas de códigos compartilhados por integrantes de determinados grupos ou contextos. Como já indicamos, desde sua origem a Folkcomunicação passou por metamorfoses e, desse modo, atualizou a perspectiva de olhar para os objetos da comunicação, transcendendo a origem funcionalista. Por isso, a entendemos como proposição de uma epistemologia do Sul.

As Epistemologias do Sul, de acordo com Santos e Meneses (2010), surgem como uma crítica ao sistema científico dominante, pois são alternativas de resistência aos paradigmas epistemológicos hegemônicos da ciência, sobretudo vinculados ao "Norte global" (especialmente Europa e EUA). É uma resposta ao colonialismo eurocêntrico e estadunidense que, dentro de uma sistemática de poder (econô-

mico, político e cultural), subalternizam os conhecimentos e suprimem saberes produzidos no “Sul global” (África, América Latina, Índia etc.).

De acordo com Santos e Menezes (2010), desde o início da chamada revolução científica, iniciada no século XVI, a linhagem epistemológica hegemônica se consolidou eliminando os contextos socioculturais e políticos da produção e reprodução de conhecimentos. Os autores questionam as consequências dessa descontextualização e propõem pensar a possibilidade de outras epistemologias. Assim, sugerem que é necessário trazer à tona identidades e culturas que vêm sendo sistematicamente ignoradas pelo colonialismo histórico, responsável pela imposição de uma visão etnocêntrica sobre o sentido da vida, das práticas sociais e das formas de ser e estar no mundo. Mais que uma noção conceitual, é uma proposta de ação para a valorização de saberes que são marginalizados. A ideia é estabelecer um diálogo horizontal entre ciência, senso comum e saberes tradicionais, buscando-se uma ecologia de saberes.

A partir destes pressupostos, sustentamos que há consonâncias entre as ideias de Luís Beltrão e Boaventura de Sousa Santos.

Folkcomunicação: contexto, influências teóricas e transformações

Por natureza, a Folkcomunicação é caracterizada pela interdisciplinaridade, estabelecendo-se em uma confluência entre as ciências da comunicação e a cultura. Trata dos processos de intercâmbio de informações de bens simbólicos em suas inter-relações e interdependências com sujeitos e suas práticas socioculturais (BELTRÃO, 1980; MARQUES DE MELO, 1998).

É considerada a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira e resulta de uma série de experiências do comunicólogo Luiz Beltrão, o pioneiro desta área de pesquisa, que a define como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p.24).

É importante destacar que o cenário de seu surgimento remonta ao final da década de 1960 no Brasil, um período marcado pela ditadura militar, implantação da censura e perseguição a artistas e intelectuais após o Decreto AI-5. A Folkcomunicação advém de um contexto sócio-político de repressão, baixa escolaridade da população e menor acesso aos bens culturais e meios de comunicação relegados a uma elite econômica, tais como jornais, revistas, literatura, TV, cinema e teatro. Mas, da proposta inicial à contemporaneidade, estudiosos deram prosseguimento às ideias de Luiz Beltrão e, desse modo, a teoria passou por metamorfoses e continua produzindo desdobramentos teórico-metodológicos, reconfigurando-se na dinâmica dos processos socioculturais e comunicacionais, ganhando contornos e nuances conforme seus objetos de pesquisa.

Ao estudar a gênese da teoria beltraniana e identificar suas matrizes epistemológicas e raízes metodológicas, Amphilo (2010) indica que a folkcomunicação, como foi proposta inicialmente², perpassa

² Conforme Amphilo (2010), a Folkcomunicação surgiu da teoria do jornalismo e se ampliou ao incluir as dimensões dos processos socioculturais da comunicação. Tem inspiração na teoria da agulha hipodérmica, de método estrutural-funcionalista norte-americano, na medida em que Beltrão ressalta que os sujeitos, processos e produtos comunicacionais têm funções

pela conjunção de algumas perspectivas teóricas, desde a antropologia cultural de cunho funcionalista, com inspiração em Franz Boas e Bronisław Malinowsky, da sociologia da cultura, à luz de Alberto Mario Cirese e Pierre Bourdieu, da sociologia da comunicação e da psicologia social, a partir dos estudos de Paul Lazarsfeld, que trazem as bases fundamentais para entender o funcionamento do sistema comunicacional. Já o conhecimento da realidade social e econômica brasileira teve base em Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Octávio Ianni e Celso Furtado, além do trabalho de campo de folcloristas importantes como Câmara Cascudo, Alceu Maynard e Edison Carneiro.

Na época em que o conceito foi proposto por Beltrão, emergia o pensamento de que as teorias da comunicação oriundas dos estados Unidos e da Europa bem como seus procedimentos metodológicos não davam conta da realidade brasileira e latino-americana (MARQUES DE MELO, 1998). Diante dessa inadequação era iminente a tentativa de buscar al-

na sociedade. E tais funções estabelecem-se a partir de inter-relações estruturais que, conseqüentemente, dependendo dos grupos envolvidos, apresentam diferentes formas de organização e proporcionam diferentes possibilidades das informações circularem dentro dessas estruturas. Contudo, conforme Marques de Melo (2001), mesmo recorrendo ao arsenal metodológico funcionalista, já testado e aperfeiçoado no estudo das manifestações convencionais da mídia massiva, Beltrão o transpõe para analisar expressões e processos na comunicação popular. Ainda apresenta um tom crítico marxista na sua proposição teórico-conceitual, sobretudo na forma da articulação de seus estudos, apresentando a manifestação das ideias populares de uma forma contundente, dando protagonismo ao lugar de fala de grupos marginalizados pelas estruturas de poder hegemônico.

ternativas que dialogassem e abrissem caminhos intelectuais para descolonizar o pensamento científico.

Assim, Beltrão (1980) partiu do princípio que não era somente pelos meios de comunicação tradicionais (imprensa, TV, rádio, cinema, etc.), pela arte erudita ou pela ciência que a população se comunicava e expressava sua opinião. De acordo com o autor, as manifestações da cultura popular, especialmente o folclore, tinham uma grande importância na transmissão de informações e construção de sentidos. Conforme Beltrão (1980), além dos meios hegemônicos da mídia ou da cultura erudita, há meios de comunicação informais que retratam as atitudes populares e seus contextos socioculturais, especialmente em âmbito interpessoal e grupal. Esse tipo de comunicação simbólica se faz entender até mesmo entre pessoas analfabetas ou apartadas dos meios tradicionais. São construídas pela vontade popular de expressão e comunicação, reverberando o seu lugar de fala. A partir de manifestações culturais e folclóricas se transmutam em informações, opiniões, críticas, protestos e anseios.

Mesmo embasado em pressupostos positivistas-funcionalistas, Beltrão desenvolveu seu pensamento tendo em conta o contexto conjuntural brasileiro e foi além de uma perspectiva puramente funcionalista ao identificar a importância dos agentes folkcomunicaçãois ou líderes de opinião no processo de comunicação popular. Os agentes folk são sujeitos que ao terem contato com as mensagens provenientes da cultura erudita e/ou dos veículos da mídia as reinterpretam (a partir de seus referenciais culturais, valores morais, questões econômicas e políticas etc.) e as ressignificam produzindo sentidos nos seus contextos simbólicos (MARQUES DE MELO, 2001).

Nesse sentido, a Folkcomunicação admite que a mídia não é onipotente sobre a sociedade, como pressupunha a teoria hipodérmica. Nos segmentos populares ou à margem dos sistemas político-econômicos e culturais dominantes, quando as mensagens da mídia massiva são expostas e passam pelo filtro dos líderes de opinião, são adaptadas segundo os códigos dos grupos nos quais se inserem. Portanto, o líder de opinião (agente-comunicador-folk) tem um papel mediador entre os grupos populares, códigos eruditos e os meios massivos de comunicação, considerando que "a ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível do entendimento de sua audiência" (BELTRÃO, 1980, p. 36).

Imbuído nesse pensamento, ao longo de suas pesquisas, Beltrão sistematizou o entendimento sobre processos e formas de comunicação de grupos subalternizados pelos modelos hegemônicos (tendo em conta aspectos socioculturais, artísticos, ideológicos, étnicos, sexuais, religiosos, econômicos e políticos). Desse modo, conseguiu explicitar quem são esses grupos marginalizados, seus meios de expressão e comunicação, ou seja, os agentes de comunicação fora do sistema convencional e as modalidades de produção e transmissão de suas mensagens. Para aprimorar seu método, priorizou a análise do discurso popular a fim de identificar e caracterizar como se processa, se expressa e se dissemina a comunicação interpessoal/grupal e a atuação dos agentes comunicadores e, assim, compreender seus processos de significação (BELTRÃO, 2004).

Estes processos, aliás, incorporam-se em uma diversidade de expressões e linguagens, tais como a literatura de cordel, folguedos, autos populares, pinturas e painéis murais, esculturas e objetos artesanais, ex-votos, santinhos, confeitaria, fases pintadas em para-choques de caminhões, compostos com ervas medicinais e inúmeras outras possibilidades que estão à margem de expressões culturais, artísticas e científicas hegemônicas.

A Folkcomunicação preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao novo e já vigoroso campo de estudo e pesquisa da Semiologia (BELTRÃO, 1980, p. 26).

Diante disso, podemos dizer que a Folkcomunicação já emergiu, propondo uma reflexão sobre a comunicação, indicando que os processos comunicacionais precisam ser compreendidos a partir do contexto político, econômico e sociocultural em que se inserem, levando em consideração as condições de produção dos sujeitos envolvidos e seus universos simbólicos. E, nesse sentido, é preciso ter em conta que as manifestações populares e folclóricas também são dinâmicas e o próprio povo as atualiza e as ressignifica no dinamismo do processo sociocultural.

A compreensão folkcomunicacional sugere que, conforme Amphilo (2010), a informação emerge na dimensão simbólica e metafórica, por meio de códigos que são inteligíveis aos sujeitos que compartilham de determinados contextos. Os agentes dessas comu-

nidades disseminam essas informações, que muitas vezes podem apresentar um caráter conotativo ou satírico em suas representações simbólicas, mesmo para tratar de assuntos delicados do cotidiano. Por isso, a Folkcomunicação pode ser considerada uma teoria “contextual”.

Segundo Amphilo (2010), a compreensão de determinado modelo popular de comunicação dependerá do conhecimento do contexto sociocultural, folclórico, dos hábitos, valores, formas de organização de trabalho, momento histórico e uma série de outros fatores que envolvem os sujeitos e o entorno em que os processos de comunicação e suas formas de expressão e manifestação ocorrem. Nesse sentido, mais que uma proposta teórica, a Folkcomunicação pode despertar formas alternativas de metodologia da pesquisa, transcendendo as tradicionais resistências acadêmicas e incorporando novos processos investigativos para verificar como se processa a expressão e a difusão de informações na comunicação popular.

Portanto, a Folkcomunicação é um sistema complexo, que se configura de diferentes maneiras dependendo dos ambientes contextuais e suas peculiaridades, trazendo à tona formas de comunicação popular de grupos que estão à margem dos sistemas dominantes. Diante desta conjuntura, Amphilo (2010) sugere que o objeto da Folkcomunicação são os meios e processos de produção e difusão simbólica da expressão comunicacional de grupos marginalizados. Seu objetivo é operacionalizar as informações tornando-as acessíveis aos grupos sociais, analisando suas linguagens, formas de expressão e seus agentes de difusão. Conforme a autora, a decodificação das representações simbólicas é

essencial para a interpretação das mensagens das práticas culturais.

A partir destas conjecturas, podemos dizer que a perspectiva folkcomunicação não é aplicada somente ao contexto da comunicação popular brasileira, mas a todos os contextos de comunicação popular em que os sujeitos e os processos de produção e difusão de informações não se enquadrem nos modelos midiáticos hegemônicos e nem estão circunscritos nos limites da cultura erudita. Por conseguinte, a proposta da Folkcomunicação é expandida, estabelecendo-se como uma área da teoria da comunicação que trata de incontáveis objetos e combinações advindos da relação entre a comunicação de massa e a cultura popular (BENJAMIN, 2000).

Delineando um processo de tradução

Como já enfatizamos, percebe-se que os estudos da Folkcomunicação acompanharam as mudanças socioculturais. Tanto por meio de relações entre manifestações de cultura popular, reflexos da cultura erudita e influências da comunicação de massa, quanto pelas apropriações das tradições populares e da cultura erudita pelos veículos de massa. Desse modo, conforme Benjamin (2004), a área de estudos tem se consolidado por investigações que tratam dos processos comunicacionais de produção das mensagens, formatos, conteúdos, recepção e efeitos, incorporando aspectos étnicos, literários, midiáticos, religiosos, de festejos populares, musicais, estéticos, míticos, entre outros. Desse modo, conforme o autor, a tendência é que o arcabouço teórico-metodológico desta área de pesquisa torne-se ainda mais diversificado e interdisciplinar.

Sendo assim, reforçamos o entendimento que a Folkcomunicação se configura como proposição de uma epistemologia do Sul, pois, como já sinalizamos, desde sua gênese, apresenta uma proposta contra-hegemônica, e tem se desenvolvido como um exercício para interpretar conexões internas e externas ao seu objeto imediato, no confronto entre suas contradições, conflitos e tensões. Logo, a teoria beltraniana pode ser uma estratégia aplicada para a tradução de conhecimentos que se manifestam na cultura e na sociedade, por meio de processos comunicacionais e suas formas expressivas e de disseminação de informações.

Para Santos (2000; 2007; 2010), a contemporaneidade passa por uma transição paradigmática e, nesse sentido, surge a necessidade de renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social, por meio da compreensão dos novos contextos socioculturais políticos, econômicos e tecnológicos (SANTOS, 2007). É preciso propor novas epistemologias, como alternativas emancipatórias para o que já está posto pela ciência tradicional e pelo atual modelo capitalista. Na concepção de Santos e Meneses (2010), é urgente repensar as formas de construção e validação dos conhecimentos, bem como superar as desigualdades e dominações impostas por algumas correntes teóricas, organizações científicas e elites políticas e econômicas.

De acordo com Santos (2000, p. 84), “no paradigma emergente, o caráter autobiográfico conhecimento-emancipação é plenamente assumido: um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos”. Na concepção do autor, a relação sujeito-objeto é dialógica e a construção do conhecimento é guiada

pela solidariedade, autorreflexividade, multiculturalismo e ecologia de saberes. Assim, é possível romper com os silêncios e apagamentos culturais impostos pelo colonialismo histórico, criando redes de globalização contra-hegemônicas, na busca pelo exercício da democracia e da justiça cognitiva.

Por essas razões, a perspectiva de Boaventura de Sousa Santos, com a proposição da “sociologia das ausências” (focada em experiências sociais) e da “sociologia das emergências” (focada em expectativas sociais), pode contribuir para lançarmos um olhar crítico para processos e produtos comunicacionais de grupos sociais que estão à margem da mídia e suas conexões com um contexto comunicacional globalizado, diante de transformações socioculturais na sociedade contemporânea, por meio de um “trabalho de tradução”. E, no caso da comunicação, considerando seus processos, sujeitos e produtos, em nosso entendimento, a Folkcomunicação configura-se como forma de tradução da produção de conhecimentos e experiências subalternizados.

Para que essa aproximação fique mais clara, partimos da constatação que a sociologia das ausências indica o engendramento de interesses e lógicas hegemônicas, principalmente representadas pelo poder político-econômico, na construção de um conjunto de percepções e representações que tornam invisíveis ou menosprezam o protagonismo de atores sociais, geralmente, de menor poder aquisitivo e nível de escolarização. Esse processo sociocultural reflete-se na representação midiática massiva, que constrói ausências para valorizar determinados modelos de sociedade, pois a mídia tradicional, via de regra, estabelece suas narrativas a partir de gestão

de negócios, na perspectiva capitalista e neoliberal, voltada para atender às exigências do mercado. Portanto, vinculado à lógica do capital e do poder, pode desviar-se de um compromisso mais ético, de reflexão crítica e valorização da diversidade socio-cultural. Desse modo, produz e dissemina valores e visões de mundo homogeneizantes e globalizadas.

Assim, diante das possíveis ausências produzidas nesse processo, sugere-se a emergência de trazer à tona a discussão e reflexão de produções que emergem no contra fluxo da mídia tradicional, mas que ao mesmo tempo estão interconectadas a um cenário mais amplo de transformações globais nos processos de comunicação e de produção e disseminação de informações. Para Santos (2002), os conflitos decorrentes entre a globalização neoliberal hegemônica e a globalização contra-hegemônica é bastante evidente no Brasil. O autor sugere a urgência de uma globalização alternativa à neoliberal, pela articulação de múltiplos atores sociais, especialmente movimentos alternativos em diversos segmentos engajados na luta por justiça social, cultural e cognitiva.

Contudo, normalmente, por estas iniciativas ocuparem posições de ausência produzida, são excluídas de qualquer possibilidade de participação ativa na proposição de outros modelos socioculturais. Afinal, não se encaixam em padrões institucionalizados, sobretudo nas sistemáticas de reconhecimento das elites políticas e econômicas ou validados pelas perspectivas mais ortodoxas da academia. Essa tendência é compreendida por Santos (2002) como uma racionalidade indolente, marcada pela arrogância e suposta soberania perante outros modelos sociais, tipos de conhecimentos e compreensões de mundo.

Em função disto, Santos (2002) diz que, ao invés de silenciar concepções que confrontam os modelos dos poderes hegemônicos, é necessário investir na transformação solidária, inclusiva e participativa. Por isso, sua crítica ao modelo de racionalidade ocidental caracterizado pela razão indolente e sua busca por uma razão cosmopolita é fundamentado por três pilares sociológicos: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução – e, neste último aspecto, nota-se grande consonância com a Folkcomunicação.

Santos (2002) salienta que a compreensão do mundo transcende a compreensão ocidental do mundo, que tem criado e legitimado o poder social pelo prisma colonialista e imperialista. Portanto, a razão cosmopolita representa uma transição que privilegia a ecologia entre os saberes, incluindo saberes não científicos e não filosóficos que continuam apartados dos debates sobre a produção de conhecimentos e sentidos. Ao invés de propor uma teoria geral, propõe um processo de tradução que seja capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis. Assim, expandindo o presente (sociologia das ausências) e contraindo o futuro (sociologia das emergências) é possível ampliar a possibilidade de criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar experiências e ações que são tornadas invisíveis na sociedade.

Conforme Nobre e Gico (2015), a Folkcomunicação é uma teoria pós-colonial e que ocupa um espaço de resistência no campo científico, propondo formas de descolonizar ideias. Portanto, está inserida no contexto das Epistemologias do Sul, afinal é uma área de estudo emergente que se propõe a traduzir

pensamentos e manifestações comunicacionais populares, valorizando as vozes que resistem a um processo de supressão de sua visibilidade, estimulando outras formas de produzir conhecimento científico.

A vivência no Sul geográfico e as experiências participantes em diversas ações no contexto do Sul epistemológico, tanto fora como dentro da academia universitária, além do interesse pela temática, levam-nos a compreender a atribuição e responsabilidade que podemos ter nas tentativas de ações reparadoras do que vemos como injustiças cognitivas impostas pelo colonialismo e pela hegemonia. Todo e qualquer conhecimento gerado no seio das camadas sociais oprimidas tende a ser suprimido, com circulação restrita ao círculo no qual foi concebido, inclusive geograficamente, se a responsabilidade por sua valoração não estiver entre as bandeiras assumidas por mentes ocupantes de lugares privilegiados pela disseminação do saber, em escalas e ambientes privilegiados e construídos cientificamente para isso. Referimo-nos, aqui, à circulação do saber tradicional para o meio acadêmico, considerando o saber social como base para o saber científico. Nesses termos, trazemos essa discussão e reflexão, acreditando estarem isentas de conteúdo panfletário ou reacionário, sobre a descolonização das ideias, sobre a teoria da Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul, crendo que esta pode ser uma parcela de ações reparadoras disseminadas pelos pesquisadores da área. É possível que o campo da comunicação social, de um modo geral, talvez ainda não tenha compreendido a complexidade e a importância dessa teoria (NOBRE; GICO, 2015, p. 45-46).

Santos (2002) defende a urgência em questionar as imposições culturais que transformam e legitimam situações ou questões de interesse de grupos hegemônicos em conhecimentos verdadeiros. Conforme

o autor, é preciso desafiar a indolência e arrogância dominante em suas principais facetas: razão impotente (determinismo, realismo, mantém a inércia diante de questões que podem ser transformadas), razão arrogante (livre arbítrio, construtivismo, dominação colonialista), razão metonímica (a parte tomada pelo todo com a ideia de totalidade sob a forma de ordem) e razão proléptica (o domínio do futuro sob a forma do planejamento da história e do domínio da natureza, direcionado a um determinado tipo de progresso e desenvolvimento). Portanto, há uma necessidade de romper com modelos sociais estabelecidos hegemonicamente como parâmetro de verdade e propor outras possibilidades para a compreensão sociocultural do mundo.

Para começar o processo de reversão deste cenário, Santos (2002) propõe pensar a partir da ideia da sociologia das ausências, que reflete sobre experiências e maneiras de ser, estar e compreender o mundo que são subtraídas dos sistemas hegemônicos de validação social.

A sociologia das ausências visa identificar o âmbito dessa subtração e dessa contração de modo a que as experiências produzidas como ausentes sejam libertadas dessas relações de produção e, por essa via, se tornem presentes. Tornar-se presentes significa serem consideradas alternativas às experiências hegemônicas, a sua credibilidade poder ser discutida e argumentada e as suas relações com as experiências hegemônicas poderem ser objecto de disputa política. A sociologia das ausências visa, assim, criar uma carência e transformar a falta da experiência social em desperdício da experiência social. Com isso, cria as condições para ampliar o campo das experiências credíveis neste mundo e neste tempo e, por essa razão, contribui para ampliar o mundo e dilatar o presente. A

ampliação do mundo ocorre não só porque aumenta o campo das experiências credíveis existentes, como também porque, com elas, aumentam as possibilidades de experimentação social no futuro. A dilatação do presente ocorre pela expansão do que é considerado contemporâneo, pelo achatamento do tempo presente de modo a que, tendencialmente, todas as experiências e práticas que ocorrem simultaneamente possam ser consideradas contemporâneas, ainda que cada uma à sua maneira (SANTOS, 2002, p. 249).

Acreditamos, assim, ser possível tecer uma crítica coerente em formatos e conteúdos de comunicação produzidos fora da mídia tradicional ou da academia, propondo a transformação das ausências em presenças, ao discutirmos que maneira são estabelecidas relações entre atores sociais envolvidos, bem como as percepções e os sentidos configuram-se neste contexto. Assim, é possível percebermos as ausências construídas nas representações midiáticas hegemônicas, em sua razão indolente. Ou seja, questionar o que vem sendo tornado invisível ou subalternizado na comunicação popular e na articulação de seus sujeitos, pois “há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível” (SANTOS, 2002, p. 246).

Assim, a sociologia das ausências nos ajuda a questionar os motivos de concepções excludentes terem obtido primazia na sociedade e também identificar modos de confrontar e superar a concepção de totalidade e racionalidade metonímica que sustenta os modelos hegemônicos. Santos (2002) acredita que a sociologia das ausências é transgressiva enquanto uma alternativa epistemológica que subverte à própria lógica que constituiu o pensamento mais tradi-

cional das ciências sociais, pois a sua objetividade é dependente da qualidade da sua dimensão subjetiva.

A sociologia das ausências também nos leva a refletir sobre a sociologia das emergências. De acordo com Santos (2002, p. 256) “enquanto a sociologia das ausências amplia o presente, juntando ao real existente o que dele foi subtraído pela razão metonímica, a sociologia das emergências amplia o presente, juntando ao real amplo as possibilidades e expectativas futuras que ele comporta”. Podemos trazer tal concepção para pensarmos na comunicação popular e sua inserção em um contexto mais amplo, no fluxo de processos socioculturais complexos, cujas problemáticas particularizadas têm inter-relações e interdependências ao contexto global. Portanto, faz-se necessário expandir as percepções para o futuro.

A sociologia das emergências consiste em proceder a uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes de modo a identificar neles as tendências de futuro (o Ainda-Não) sobre as quais é possível actuar para maximizar a probabilidade de esperança em relação à probabilidade da frustração. Tal ampliação simbólica é, no fundo, uma forma de imaginação sociológica que visa um duplo objectivo: por um lado, conhecer melhor as condições de possibilidade da esperança; por outro, definir princípios de acção que promovam a realização dessas condições. A sociologia das emergências actua tanto sobre as possibilidades (potencialidade) como sobre as capacidades (potência). O Ainda-Não tem sentido (enquanto possibilidade), mas não tem direcção, já que tanto pode terminar em esperança como em desastre. Por isso, a sociologia das emergências substitui a ideia de determinação pela ideia axiológica do cuidado. A axiologia do progresso é, assim, substituída pela axiologia do cuidado. Enquanto na sociologia das ausências a

axiologia do cuidado é exercida em relação às alternativas disponíveis, na sociologia das emergências é exercida em relação às alternativas possíveis (SANTOS, 2002, p. 256-257).

Nesse sentido, é possível tentar combater as negligências por meio de uma relação de equilíbrio entre experiências e expectativas sociais propondo novos caminhos emancipatórios. Esses, inclusive, podem indicar novas possibilidades sustentáveis para a discussão do papel da comunicação popular, ainda mais quando discutimos a urgência e emergência de um pensamento e uma prática comunicacional que parta dos grupos marginalizados no/para seu contexto e dele para o mundo.

Ao transitarmos entra a sociologia das ausências e das emergências, chegamos ao trabalho de tradução, proposto por Santos (2002). Conforme o autor, o pensamento pós-colonial tem o desafio da desconstrução, que consiste em identificar resíduos eurocêntricos herdados do colonialismo e ainda presentes nos mais diversos setores da sociedade (leis, educação, política, cultura etc.) e, a partir daí, reconstruir possibilidades socioculturais que foram interrompidas ou estão marginalizadas. Nesse sentido, o trabalho de tradução procura fazer o duplo movimento de captar a relação hegemônica entre as experiências subalternizadas e amplificar tais experiências para além das relações de dominação.

A tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto

de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea. As experiências do mundo são vistas em momentos diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou partes e como realidades que se não esgotam nessas totalidades ou partes. Por exemplo, ver o subalterno tanto dentro como fora da relação de subalternidade (SANTOS, 2002, p. 262).

Sendo assim, diante destes pressupostos, interconectando sociologia das ausências, sociologia das emergências e a Folkcomunicação (como uma forma de tradução), acreditamos que a discussão sobre a comunicação contemporânea, possa ganhar um delineamento epistemológico que orbite numa trajetória dialética e dialógica, permitindo refletir sobre o processo que envolve o desenvolvimento de uma comunicação popular por dentro e por fora de sua suposta condição de subalternidade.

Considerações finais

A construção de uma perspectiva relacional entre Folkcomunicação e Epistemologias do Sul pode nos ajudar a compreender e caracterizar como processam-se, expressam-se e disseminam-se formas e conteúdos comunicacionais populares, e também como os agentes da comunicação operam nesse processo. Consequentemente, poderemos aprofundar reflexões sobre a construção de novos sentidos para o conhecimento comunicacional popular, especialmente ao atentarmos para as formas de subversão das lógicas dominantes na mídia tradicional.

Por essas razões, a ideia de Epistemologias do Sul em diálogo com a Folkcomunicação, nos permite lançar um olhar crítico para os sistemas de comunicação e os produtos deles decorrentes, bem como as

formas de difusão e interação, que estão à margem da mídia tradicional e, entretanto, não deveriam ser marginalizados, pois apresentam outra configuração (popular), tão legítima e importante quanto os sistemas de comunicação massivos e eruditos. Sendo assim, diante de possíveis ausências construídas pela academia sobre a comunicação popular, sugere-se a urgência de trazermos à tona reflexões sobre sistemas que emergem no contra fluxo da mídia tradicional e ao mesmo tempo interconectam-se a um cenário mais amplo de transformações globais nos processos de comunicação, especialmente no que tange ao contexto cibercultural.

Sendo assim, diante destes apontamentos, a discussão sobre comunicação popular contemporânea ganha um delineamento que nos permite refletir sobre seus processos e sujeitos, por dentro e por fora de sua suposta condição de subalternidade. Esse olhar nos ajuda a compreender e caracterizar como processam-se, expressam-se e disseminam-se formas de comunicação marginalizadas, tanto no âmbito particular quanto no contexto cibercultural global, assumindo suas contradições e complementaridades em relação aos monopólios da informação.

Por enquanto, como um exercício de aproximações, estas percepções nos ajudam a ampliar as reflexões sobre a construção de sentidos por meio das possibilidades da Folkcomunicação, percebendo como os agentes da comunicação popular se apropriam de aparatos tecnológicos e modelos hegemônicos e os recodificam, diante de suas possibilidades e para as suas realidades. É neste processo híbrido que se imprime algo novo, subvertendo às lógicas dominantes e fazendo emergir, pelas possibilidades

da comunicação, outras formas de ser, estar, expressar e compreender o mundo.

Referências

- AMPHILO, M.I. **A gênese, o desenvolvimento e a difusão da folkcomunicação**. Orientador: José Marques de Melo. 2010. 733 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Ed. Cortez, 1980.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Paulo: UMEP, 2004.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BELTRÃO, L. Comunicação Popular e Regional no Brasil. *In*: MARQUES DE MELO, J.; FERNANDES, G.M. (Org.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.
- BENJAMIN, R. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.
- BENJAMIN, R. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, 2000.
- BRAGA, J.L. Mídiação como processo interacional de referência. *In*: MÉDOLA, Ana S.; ARAUJO, D.C.; BRUNO, F. (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2012.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARQUES DE MELO, J. (Org.). **Mídia e folclore**: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá/São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação, 2001.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria da Comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOBRE, I.M.; GICO, V.V. A folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 13, n. 29, p. 31-46, maio/ago. 2015.

SANTOS, B.S. **Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Coleção: Para um novo senso comum – a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, v. 1. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, B.S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, B.S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

Dados dos autores

Rafael de Figueiredo Lopes

<https://orcid.org/0000-0003-3087-0966>

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), mestrado em Ciências da Comunicação e doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Allan Soljenitsin Barreto Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0002-7296-8665>

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo, mestrado e doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia, coordenador do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo na e sobre a Amazônia (LABJAM),

RAFAEL DE FIGUEIREDO LOPES
ALLAN SOLJENITSIN BARRETO RODRIGUES

coordenador do projeto Portal da Ciência de Popularização do Conhecimento Científico, coordenador do projeto Amazônia de Perfil, professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (UFAM) e do Curso de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM).